

O rio Doce

BRAZIL

O RIO DOCE

Este rio, notavel pelas mattas virgens que atravessa e banha, e pela diversidade de arvores e outras plantas que se espelham em suas aguas, nasce na serra da *Mantiqueira*, provincia de Minas Geraes. Logo ao sair da fonte, onde tem a sua origem, corre por largo espaço contra o nor-nordeste com o nome de *Chópótó*. N'este trajecto vem engrossar-lhe a corrente as aguas do *Piranga*, que rebentam nas faldas da serra do *Oiro Branco*, e mais adiante as do *Guallacho*, formado de dois ribeiros do mesmo nome, oriundos da serra do *Oiro Preto*. Na sua confluencia com o *Guallacho* perde o nome de *Chópótó*, e toma o de *rio Doce*, que se conserva até entrar no Oceano. Descreve alli uma grande curva, e, dirigindo-se para léste, recolhe o tributo de dois rios, o *Bombáça* e o *Percicába*, ambos nascidos na serra da *Lapa*, e correndo, como os outros acima mencionados, de oéste para léste.

Um pouco abaixo da sua confluencia com o *Percicába* recebe o rio de *Santo Antonio*, vindo do lado de noroeste, e que é formado de diversos ribeiros, provenientes do *Serro Frio* e da montanha da *Lapa*. Tres leguas mais adiante lança-se no seu leito o rio *Corrente*, depois de ter atravessado trinta leguas de territorio, desde o *Serro Frio*, onde tem o seu nascimento.

Umas oito leguas abaixo d'este ponto desemboca no rio Doce o *Sassuhy*, o mais caudal de todos os rios que até aqui o vem engrossar, pois que se alimenta de dois abundantes mananciaes que rebentam, um no dito *Serro Frio*, e o outro na *Serra das Esmeraldas*.

Os outros affluentes do *rio Doce* são: o *ribeirão das Larangeiras*, que passa através de mattas virgens quasi que impenetraveis, e povoadas de gentios barbaros e de feras; o *Cuyaté* e *Manhuassú*, que atravessam tambem magnificos bosques; e o *Maquipóo*.

Uma das bellezas do rio Doce consiste nas suas formosas e variadas cachoeiras. São muitas, porém as mais notaveis são as seguintes: a *cachoeira escura*, onde o rio se quebra e susurra á sombra de copado arvoredo, perto da foz do Percicába; a dos *Magoaris*, que fica um pouco abaixo da foz do rio *Corrente;* a dos *Ibitureinos*, que está pouco acima da barra do *Sassuhy*; e a do *Inferno*, situada entre as confluencias do *Cuyaté* e do *Ma*.

No trajecto em que separa a provincia de Minas Geraes da do Espirito Santo, fórma o rio Doce, no espaço de uma legua, mais tres cachoeiras, denominadas as *Escadinhas*. É a ultima que o rio tem no seu curso para o mar. As outras obstam absolutamente á navegação; porém estas apenas a impedem durante o estio, pois que no inverno sobem as canoas puxadas á sirga, e descem tambem convenientemente amparadas. D'este ponto até ao Oceano offerece commoda e aprazivel navegação. É amplo o seu leito, e d'elle se erguem muitas ilhas rasas e cobertas de pomposa vegetação. Apesar das muitas voltas, que em seu curso descreve, tem a corrente mui rapida, o que faz com

que entre no mar com tamanha violencia, que leva até bastante distancia por elle dentro as suas aguas, sem se misturarem com as salgadas, e d'aqui tiraram motivo os navegantes para lhe darem o nome de rio Doce.

Não permitte a sua foz a entrada de embarcações grandes; não por falta de largura, mas sim por causa de diversos bancos de areia, que a obstruem por tal modo, que quaesquer barcos pequenos, canoas que sejam, precisam esperar que esteja cheia a maré.

Porém, não obstante esta difficuldade, offerece este rio extensa e mui util navegação, pois que banha e corta muitos territorios fertilissimos, onde crescem espontanea e vigorosamente a mandioca e muitas arvores e plantas fructiferas e medicinaes. Encontram-se ahi alguns terrenos agricultados, com seus estabelecimentos de colonos. Porém, pela maior parte, cobrem a terra bastas florestas, habitadas por infinita variedade de aves e pelos botocudos, uma das mais ferozes tribus de gentios que povoam os sertões do Brasil.

Em geral as margens do rio Doce são formosas, mas em alguns sitios apresentam quadros de uma belleza indescriptivel. Aquelles espessos bosques, formados de tanta diversidade de arvores, de porte esbelto e magestoso; as plantas trepadeiras e aquaticas, de folhagem exquisita e luxuriante, que trepam e pendem das arvores em vistosos festões, e se elevam garbosamente do seio das aguas; numerosos bandos de araras, de papagaios, periquitos e mil outras aves, qual mais gentil, pendendo dos ramos, ou esvoaçando em continuo giro, animando, em fim, aquella immensa abobada de perenne verdura com as brilhantes e variegadas côres da plumagem, e com seus cantos melancolicos, ou com seus gritos selvagens mas alegres; diversas especies de macacos saltando, baloiçando-se e fazendo visagens e momices: tudo isto constitue um painel encantador e admiravel, uma scena da natureza verdadeiramente maravilhosa, á qual o velho mundo nada tem que se lhe possa comparar.

O rio Doce é abundante de peixe de differentes especies, algumas das quaes são de bastante grandeza, como o peixe cão que não é inferior ás nossas maiores corvinas.

A tribu dos botocudos está presentemente muito diminuida, e á maneira que a civilisação avança pelo sertão do Brasil, vão estes anthropophagos cedendo terreno, e entranhando-se nas mattas virgens. Entretanto não deixam, de tempos a tempos, de transpor os seus formidaveis reductos naturaes para assaltarem os estabelecimentos de colonos, que lhes ficam mais proximos. Não acham, porém, despercebida a povoação. Os colonos, contando com aquelles ataques repentinos, estão sempre álerta e bem armados, e promptos para repellirem o inimigo.

A nossa gravura é copia de outra, que adorna o atlas da *Viagem ao Brasil pelo principe de Vied Newied*, distincto naturalista allemão.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LUIZ DE CAMÕES

(Vid. pag. 269)

V

Sería necessario converter este estudo em collectaneo de rasgos descriptivos, para dar uma demonstração cabal do quanto Camões se avantaja n'este genero de poesia. Dotado pela natureza de uma poderosa faculdade imaginativa, e tendo assistido aos mais variados quadros que se podem manifestar no mundo, o poeta não só os desenha com a fidelidade de um observador, mas engrandece-os e sublima-os com a magia do seu talento. É n'isto que o roteiro se distingue do poema; é por isto que Colombo, apreciando cuidadosamente as florestas que orlam as costas (segundo o dizer de Humboldt) e demorando a attenção na physionomia das plantas, não póde nunca subir á altura esplendida a que o nosso poeta se eleva, para d'ahi dictar as suas impressões de viajante [1].

O Oceano é, principalmente, o meio em que elle mais se apraz e regala: contempla-o com a predilecção de um marinheiro vetusto, e, como o pintor que se amarrava ao mastro para estudar os effeitos da tempestade, elle permanece sobre a tolda do galeão para se enlevar no espectaculo das ondas e das ventanias.

Quem não traz de memoria o episodio dos doze de Inglaterra, tão animado, tão cheio de luz, tão gentil na composição, episodio com que Velloso quer matar o somno aos companheiros do quarto? A companha, embevecida na narrativa, pede ao galhardo aventureiro que prosiga no caso de Magriço; é então que a rajada começa a assobiar pelas enxarcias, fazendo gemer os mastros e as vergas.

«Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.»

Bastam estes quatro versos para nos imaginarmos em plena borrasca. Aquelle *amaina*, repetido tres vezes, denuncia a gravidade do perigo; o mestre não sabe a que ha de attender, volteia no meio da confusão e da celeuma; a tormenta engrossa, a vela rompe-se, a nau pendente alaga-se, os troncos rangem e partem-se,

«Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastarão;»

é quando nem uma claridade de esperança bruxuleia no coração dos naufragos, quando elles ferem o ceo com gritos, quando largam mão do cabo para ajoelhar ao pé da amurada, que se torna a ouvir a voz do mestre:

«Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar; não falte accordo:
Vão outros dar á bomba, não cessando,
Á bomba, que nos ímos alagando.»

Eu não sei que haja outro poeta, quer antigo, quer moderno, que conseguisse rastrear a inestimavel belleza d'este lanço. O movimento, a commoção, o desconforto, o marulho das aguas, o bramido dos ventos, as arvores seculares que se arrancam e despedaçam áquella hora, os montes que se derribam, as centelhas que correm colleando como serpentes, aquelle horror em que

«A noite negra e feia se allumia
Co'os rayos em que o polo todo ardia:»

tudo isto é de um sublime, de um maravilhoso que não tem parelho em nenhuma outra epopéa do mundo, e que só poderia ser traduzido por quem tivesse prestado um ouvido attento aos phenomenos do Oceano, como se expressa o citado sabio allemão.

Para contrapormos a este quadro medonho e sombrio, basta percorrermos o canto I, em que o poeta descreve a partida da frota. Bem agoirada é a viagem; nem apparece uma nuvem negra, nem as ondas se quebram furiosas na proa.

«Os ventos brandamente suspiravam
Das naos as velas concavas inchando.»

1 D. Martin Fernandez Navarett — *Colleccion de viages y descobrimientos de los españoles*, etc.

A róta continúa, e o poeta, melancolico e suave, descreve o luar brincando na escuma, e as estrellas do ceo que lhe dão a lembrar as boninas com que se revestem os campos na primavera.

Antes de passarmos d'este reparo feito ao genio maritimo de Camões para estudo de outros pontos mais complexos, bom será trazermos a terreno aquella passagem do canto V, quando elle nota o espectaculo do fogo de sant'elmo e o da formação das trombas ou mangas. No *Cosmos* não deixaram de ficar registados estes dois fragmentos, que d'antes seriam apenas recreio de gente piedosa e ignara, e que hoje formam capitulo na sciencia.

«Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo.»

É este o *farol* de que nos falla fr. Luiz de Sousa na sua *Historia de S. Domingos*, como já antes d'elle o fizera Couto na VII decada. O poeta, porém, não desce, como os chronistas, á explicação das causas suppostas, nem á desvairada crença dos marinheiros; pinta em dois traços *il desiato fuoco*, para mostrar no seu plano a descripção de outro phenomeno maior.

«Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporsinho e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se.»

Este fumo é a tromba que se fórma e dilata. Os versos que servem de complemento á narrativa são admiraveis. Dois, principalmente, testificam o resultado de uma observação meteorologica, ao diante confirmada pelos sabios.

«Ás ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.»

Tantos meritos de Camões, como poeta maritimo, inspiraram algumas paginas brilhantes a um dos mais eminentes sabios da Europa moderna [1], como deram azo a um nosso escriptor para colher e atar em ramilhete fragrante as mais redolentes flores do grande épico [2].

O nosso intuito é, comtudo, outro. Faremos sobresair n'esta parte do nosso estudo mais alguns pedaços da excellente poesia descriptiva, de que Camões foi entre nós iniciador, e remataremos o trabalho com um breve relancear de olhos sobre os sonetos, eglogas e canções, onde elle se mostra como poeta lyrico, isto é, como poeta que fecha os olhos a tudo o que são encantos do mundo exterior para os cravar no seu intimo universo, nos abysmos da sua alma.

Esta dualidade perfilar e cormental é attributo de raros poetas. Poucos possuem o condão de equiponderar as faculdades imaginativas com as sensitivas, e de poder tão bem soltar o espirito em o centro das maravilhas da natureza, como embalar o coração ao sopro embalsamado das aspirações e dos devaneios.

Em Camões, como já dissemos, resume-se o sentimento nacional; no tempo em que as navegações arriscadas e os pasmosos descobrimentos absorviam o espirito, este sentimento maritimo tomou corpo e patenteou-se nos cantos immortaes dos *Lusiadas*. Nem antes, nem depois, nenhum outro poema revela, n'esta parte, o sentir portuguez; e quando algum cantor alonga a vista por esses mares que as nossas esquadras cruzavam em todos os rumos, quando procura celebrar este ou aquelle successo notavel, a voz esmorece-lhe n'uma toada fria e monotona, toada que não respira o cheiro acre das ondas, nem traduz a infinita commoção religiosa. Apenas o povo, esse poeta inconsciente, corta o silencio dos seculos com a melopéa de um ou outro romance tradicional.

Se, depois de estudarmos Camões como o observador que de um modo mais especial e immediato pintou a realidade dos objectos [1], passarmos a encaral-o pelo lado em que elle dá largas á phantasia, continúa a apparecer-nos materia para louvor e assumpto para reflexões constantes.

Quem tem, como elle, o segredo da harmonia imitativa, a propriedade do vocabulo onomatopaico? O soberbo endecasyllabo do Tasso, no concilio dos deuses infernaes,

E l'aer cieco a quel romor rimbomba,

não dá a medida d'aquelle outro em que o nosso poeta, fallando de um tiro de pelouro, exclama:

«Ferido o ar retumba, e assovia.»

Apresenta-se um campo de batalha, e, desde a pintura do grosso dos esquadrões que se movem, até ao pormenor da bandeira que se desfere, tudo se nota, tudo se admira nas télas d'este Vernet, d'este Ivon, que sabe juntar ao assombroso das tintas a eloquencia rude dos heroes.

Quer elle trocar o vermelho do sangue,

«Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi, de branco e verde»

pelo tom suave e delicado de um gesto de deusa? Não ha mais do que sopear o ardimento do seu engenho, e retratar a imagem que porventura se lhe anda a reflectir no seio, como na face de um lago.

«Os crespos fios d'ouro se esparzião
Pelo collo, que a neve escurecia.»

Esta Dione, em que a boa critica poderá achar alguns ares de parentesco com a formosa Armida do Tasso, tem, mais do que ella, a etherea voluptuosidade, e deixa que da alva petrina lhe sáiam flammas mais vivas.

Argo non mai, non vide Cipro o Delo
D'abito o di beltà forme si care:
D'auro ha la chioma; ed or dal bianco velo
Traluce involta, or discoperta appare [2].

Não irei até esmiuçar as partes em que a peregrina Armida me parece, nas fórmas, filha legitima da divindade camoniana; direi só que, n'este seculo de commedimento e de pureza, se me fosse dado, a mim, poeta obscuro, colher o beijo do enthusiasmo e da inspiração nos labios d'aquellas formosuras, il-o-hia mendigar á que,

«. . . . . .affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar vizinho,
E tudo quanto a via namorava.»

O que póde conceber-se de maior candidez, de mais alvura, de graça mais seductora? que outro semblante onde o riso se misture com a tristeza, onde a melancolia se confunde com a volupia, foi jámais banhado por uma aurora tão serena? Quando vejo esta Dione, com as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos, com a palavra cortada pelos soluços, com a cabeça pendida, como uma rosa, sobre o peito do pae dos deuses;

1 A. Humboldt — *Cosmos* (trad. franc.).
2 J. S. Ribeiro — *Os Lusiadas e o Cosmos*, etc.

1 Humboldt — loc cit.
2 Tasso — *Gerusalemme liberata*, canto IV.

quando a vejo estreitada por aquelle amplexo de carinho e sensualidade olympica, ha só um trecho de que me posso lembrar passada a exaltação, ha só uns versos que me atrevo a repetir sem vergonha de que m'os ouçam:

So spake our general mother, and with eyes
Of conjugal attraction unreprov'd,
And meek surrender, half embracing lean'd
On our first father; half her swelling breast
Naked met his under the flowing gold
Of her loose tresses hid [1].

N'este abraço de Eva, abraço coroado por um sorriso de amor, que o poeta, apesar da orthodoxia do assumpto, compára aos que Jupiter mandava a Juno, e com os quaes se impregnavam as nuvens prolificas de maio, n'este abraço é que se encontra unicamente um perfume de laranjeira e de murta comparavel ao que rescende do trecho de Camões.

Passemos da epopéa á lyrica, atravessemos todas as varzeas e pomares, busquemos as sombras e a frescuidão das arvores flexuosas, e em toda a parte se nos deparará a mesma gentileza e egual aprazimento dos sentidos. Onde ha sabor de idyllio mais delicado que o do soneto XXX?

«Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico raminho.»

Em cada pagina, em cada escarpa d'esta montanha ha sempre um balsedo genesico, um matiz de Hobbema ou de Cuyp, uma suavidade deleitosa que está a acariciar-nos o intimo peito, e a derramar não sei que effluvios que nos entristecem e nos consolam ao mesmo tempo.

Que maior profusão de côres e de ornatos, que prodigalidade, que riqueza de accessorios, de caprichos de paizagista podem disputar primazias com as estrophes da canção XVI?

«Por meio de umas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes aguas deleitosas.

«O doce rouxinol n'um ramo canta,
E d'outro o pintasirgo lhe responde;
A perdiz d'entre a mata, em que se esconde,
O caçador sentindo, se levanta.

«Aqui sôa a calhandra na parreira;
A rola geme; palra o estorninho;
Sahe a candida pomba do seu ninho;
O tordo pousa em cima da oliveira.»

Eu tenho de resistir ao encanto dos versos para não os transcrever inteiramente. Thomson, que é, se me não engano, o que na linha dos poetas didacticos sabe contornar com mais esmero, e o que dá mais relevo ao desenho da natureza, não tem nas suas *Estações* coisa alguma que exceda o mimo e a graça d'estas quadras.

Antes de encerrarmos este capitulo do nosso estudo, em que principalmente tivemos o intuito de apresentar alguns dos primorosos quadros de Camões, devemos citar o episodio da *Ilha dos Amores*, onde o poeta, afóra o subir á plana dos cosmographos, pinta mais rasgadamente as florestas e collinas de uma encantada mansão. O ter elle ornamentado esta ilha com os myrtos e cidreiras da Europa, fez com que os criticos lamentassem por muito tempo o esquecimento imperdoavel da vegetação tropical.

Acudiu ao reclamo um dos mais eruditos escriptores contemporaneos, e, n'um opusculo valiosissimo, explicou o episodio e defendeu o poeta [1]. Mostrou a ilha collocada no Oceano Indico, e povoada d'essas mattas odoriferas que tambem vicejam no Zanguibar, como nos climas meridionaes da Europa. A carta ficou sem réplica, as ponderações do sabio subsistiram, e hoje

«As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,»

podem continuar a enramar-se e a florir, sem medo que o machado as derrube para as substituir pelas brenhas enredadas e vigorosas dos tropicos.

(Continúa) E. A. VIDAL.

[1] Milton — *Paradise lost*, book IV, v. 495.

[1] J. Gomes Monteiro — *Carta sobre a situação da ilha dos Amores*, etc.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

CARTAS AO MEU AMIGO XAVIER DA CUNHA

(Vid. pag. 262)

II

Timor — Seu estado actual — Fertilidade do solo — Insalubridade de Dilly — Falta de braços — Meio de remedial-a — O porto — Caracter dos indigenas — A força militar — A receita publica — Dois conselheiros jogando o burro — Os Fondús.

O portuguez que visita o nosso ultramar, ao mesmo tempo que sente o orgulho nacional lisonjeado pelo aspecto dos logares onde os nossos maiores implantaram com a bandeira do paiz as primicias da civilisação européa, vê esfriar-se-lhe o enthusiasmo comparando o estado das nossas colonias com o que ellas deviam ser se o nosso arrojo em descobrir e conquistar se acompanhasse da arte de aproveitar devidamente para a nação e para a humanidade a posse d'aquelles remotos paizes.

Se isto é um facto trivial nas nossas possessões de além-mar, creio que em nenhuma outra se dará mais pronunciadamente do que em Timor. Tenho pena de que, no que vou dizer-te d'esta colonia portugueza, não haja nada por que me congratule comtigo, como membro d'esta nacionalidade.

Quando um portuguez chega a Dilly, e vê n'aquelle ponto arvorada a sua bandeira nacional, recebe uma impressão muito pouco agradavel para o seu pundonor patriotico. Deve dizer-se a verdade. Prometti dizer-t'a. E a verdade é esta.

É triste que depois de longos dias de navegação vamos alli envergonhar-nos vendo a capital de Timor sem aspecto de povoação regular, nem feição alguma que denuncie a acção civilisadora da metropole. A bandeira azul e branca arvorada n'um muro com fumos e nome de fortaleza, e umas sentinellas magras, macilentas e sem vigor para sustentarem a attitude militar, eis o que alli attesta o dominio portuguez. No resto vemos tudo no estado em que devia acharse antes que alli nos estabelecessemos. Pelas informações que pude obter, com respeito ao resto da ilha, não é ahi desmentido o inculcado pela capital. Os indigenas acham-se entregues á sua antiga rudeza, sem industrias nem agricultura regulares.

E, comtudo, aquelle povo, que consentiu de boamente lhe occupassemos o territorio, não submettido pela acção brutal das armas, mas conquistado pela voz eloquente dos nossos missionarios, tinha, perante o tribunal da civilisação universal, direito a que o elevassemos ás condições de um povo culto.

O aspecto do paiz é magnifico. Bastante montanhosa e apresentando em muitas partes os vestigios de volcões extinctos, é a ilha dividida em duas regiões por

uma cordilheira que corre no sentido do seu comprimento. Estas regiões, exposta uma ao noroéste e a outra ao suéste, tem estações inteiramente oppostas, por fórma que, quando por uma d'ellas passa a maior intensidade do verão, é inverno rigoroso na outra. São tambem oppostas as epochas das culturas, e de uma para outra das vertentes da cordilheira nota-se tambem differença nas producções vegetaes.

Por toda a parte o solo é fertilissimo e se acha coberto pela vegetação luxuriante dos tropicos. Dão-se excellentemente em toda a ilha os cereaes, as uvas, e muitas outras plantas da Europa. A flora da zona intertropical ostenta alli todo o seu esplendor. Mas, além do excellente tabaco, o que poderia ser a principal riqueza da ilha, é o café que alli produz exuberantemente, e de qualidade magnifica.

Não só dos productos vegetaes se poderia colher grande vantagem para a metropole com o desenvolvimento da agricultura. A exploração das minas, quiçá bastante importantes, que existem em Timor, é empreza que devia tentar a attenção da metropole. Além d'isso, abunda a ilha em bufalos, cavallos, aves e caça.

Com todos estes recursos naturaes acha-se a ilha de Timor no estado de abandono, que deixo dito, por parte da metropole; e para essa falta de prosperidade da colonia, concomitante com outras causas, concorrem efficazmente as más condições em que se acha a capital, a cidade de Dilly.

As condições sanitarias d'esta localidade são de todo o ponto desgraçadas. Situada á beira-mar, n'uma planicie dominada pelos montes do noroéste da ilha, é a capital do nosso dominio na Oceania o receptaculo das aguas que na epocha das chuvas descem da serra e vem estagnar-se em baixo, misturando-se com productos da vegetação e com agua salgada do porto. É essa a origem dos pantanos, cujos effluvios tornam por extremo insalubre o clima da cidade.

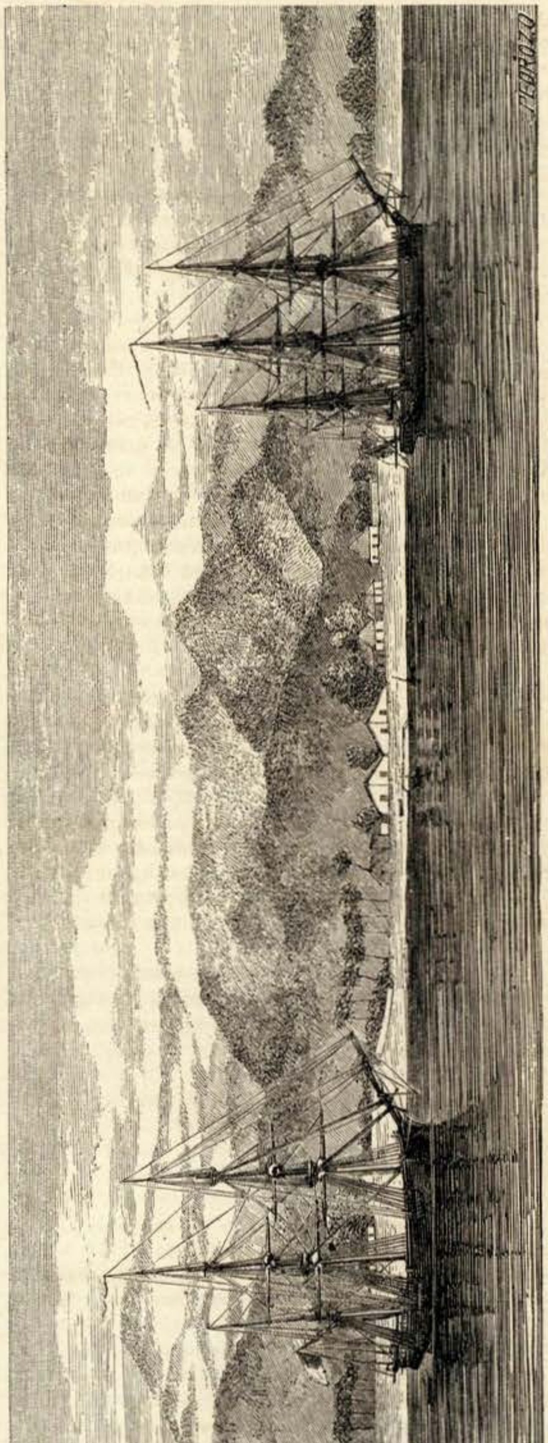
Nenhum dos melhoramentos que a sciencia aconselha como proprios para melhorar as localidades pantanosas, melhoramentos de que a todo o momento se está colhendo vantagem n'outros pontos, tem sido posto em pratica para tornar Dilly uma povoação menos insalubre. Os pantanos acham-se alli nas suas primitivas condições de nocividade, e a população entregue á influencia miasmatica que a enerva e está cerceando a todo momento pelas febres.

O estado de atrazo em que se acha aquella nossa colonia reconhece por uma das suas causas, talvez a mais importante, a falta de braços. Para o trabalho physico não ha contar com os indigenas, porque a indolencia, que é um dos attributos d'aquella raça enervada, e a falta de necessidades que lhes não consente o serem accessiveis á ambição do lucro, os torna inaptos. Os europeus, mal chegam a Dilly, são preza das febres, ficando, os que não morrem, a braços com soffrimentos chronicos que os inhabilitam para trabalhos activos.

Braços que se empreguem no melhoramento do solo, começando-se por applicar aos pantanos os meios indicados pela sciencia, e tornando-se aquelle clima mortifero em paiz colonisavel, são a primeira necessidade, a mais momentosa de Timor.

Como havel-os, se nem os europeus alli podem trabalhar, nas circunstancias actuaes, nem os indigenas são capazes do serviço braçal, tão instantemente necessario?

Ha um povo que habita impunemente todos os climas, activo, supportando bem a fadiga, contentando-se com um modico salario, e que tem grande tendencia para a emigração, o chim. Ha alguns d'estes homens em Timor, occupados n'um pequeno commercio, que gozam de boa saude, apresentando uma notavel immunidade para as febres. Não seria difficil



Corveta Goa — Vista de Timor — Barca Martinho de Mello

contratar com um certo numero de chins, dos muitos que annualmente emigram pelo nosso porto de Macau, o irem estabelecer-se em Timor, empregando-se nos trabalhos publicos, e exercendo as differentes industrias de que alli ha carencia absoluta.

Só depois de melhorado o estado do solo de Dilly, sob as indicações da sciencia, transferida a capital da colonia para o interior, onde em certos pontos eminentes dizem ser excellente o clima, e ficando apenas á beira-mar os postos fiscaes e a guarnição militar indispensaveis (como por pessoas de parecer auctorisado tem sido já proposto), se poderia encetar o desenvolvimento da agricultura e a exploração das minas, fontes de prosperidade que, segundo o que pude averiguar, haviam de compensar largamente os sacrificios da metropole em sustentar aquella porção do territorio portuguez.

Do systema seguido até aqui é que não ha a esperar resultado proficuo. As consequencias do modo por que se tem olhado até hoje para aquella colonia alli estão patentes. As vantagens que Portugal tem auferido do seu dominio de Timor são despeza inutil de dinheiro e de vidas, e aquelle padrão tão pouco airoso para o pavilhão portuguez alli arvorado.

Foi o ponto de Dilly escolhido para n'elle assentar a capital por ser aquelle porto o melhor de toda a costa. Na primitiva occupação da ilha pelos portuguezes fôra estabelecida a séde da primeira auctoridade em Copany, que hoje pertence aos hollandezes, tendo-o depois já sido em Lifáo, donde em consequencia de ter sido atacada por piratas, foi transferida para o local onde hoje existe. O porto de Dilly é bastante seguro, e offerece ancoradouro a mais de vinte navios, sendo protegido por um banco de coral que serve de quebramar. Este banco estende-se transversalmente em frente do porto, dando-lhe entrada pelos dois extremos. É o porto reconhecido de longe pelos navegantes que o demandam pela configuração singular do cume de um dos montes que o dominam. As linhas que contornam este simulam perfeitamente a fórma de uma aguia voando.

(Continúa) JOÃO DE LACERDA.

A SOBRINHA DO SENHOR PRIOR

(Conclusão. Vid. pag. 302)

IV

Desde que o conde de Altos-Fumos pedíra a mão de Maria do Carmo, principalmente esta e a sua conselheira aulica, D. Cyriaca, esperavam todos os dias ver uma embaixada real entrar pela porta do senhor prior de Santa Cruz a pedir a mão da menina para um principe; mas os mezes e os annos decorriam, Maria do Carmo chegava aos vinte e cinco, e nem sequer um ministro sem pasta suspirava pela sobrinha do senhor prior.

Com o desgosto que isto lhe causava, Maria do Carmo principiou a perder a natural graça, e com dor profunda observava que o numero dos adoradores era cada vez menor, até ao ponto de nascer um dia em que, percorrendo numerosas ruas de Madrid, nem o mais simples plebeu lhe disse, ao vel-a passar:

— É na verdade sympathica!

Ou:

— São tentadores esses olhos!

Ou:

— Tem muita graça esse rosto!

D. Cyriaca principiava a perder a fé na predicção da cigana.

— Não desanimes, minha filha, que ainda vales muito, lhe dizia. É verdade que em chegando aos vinte e cinco annos, nós as mulheres vamos perdendo muito; mas, que demonio! quem foi bonita sempre o mostra, mesmo depois de velha. O caso ainda não é para desanimar, mas para que não te mostres tão exquisita como até aqui.

Maria do Carmo com a meiguice, que é condão das mulheres, aproximou-se de seu tio um dia em que este se levantára com o melhor animo, e disse-lhe:

— Meu tio, ha muito tempo que vossemecê não tem ido a casa do conde de Altos-Fumos?

— Estive lá ha poucos dias.

— O conde ainda está solteiro?

— Ainda está, sim.

— Parece-me que fiz grande tolice em não casar com elle.

— Não falles n'isso, rapariga, porque me sobe a côr ao rosto quando penso em tal.

— E o conde não tornou a dizer-lhe nada a meu respeito?

— Nem palavra. Tem os fumos muito altos para se não julgar offendido com o teu desprezo.

— Tem razão... fui injusta.

— Queres dizer que não recusarias hoje a mão do conde?

— A fallar verdade, não, senhor. Por isso o tio, se quizesse... visto a affeição que me dedica e interessar-se tanto pela minha felicidade... podia fallar de mim ao conde, com a habilidade e o talento que vossemecê tem...

— Que é que dizes, rapariga? Julgas decoroso que eu vá agora offerecer a tua mão?

— Não, senhor, isso não; mas vossemecê podia apalpar o terreno, para ver se o conde renovava o pedido. Ande, querido tio, que vossemecê tem muita habilidade para isso...

— Valha-me Deus com estas mulheres, que são capazes de fazer peccar um santo!... Far-te-hei a vontade, não ha outro remedio. Lá irei ao conde para fallar de ti, a proposito de qualquer coisa, e veremos como sáio da empreza.

O senhor prior foi, com effeito, no dia seguinte a casa do conde.

— Oh! senhor prior! exclamou o conde muito satisfeito ao vel-o. Dá-me grande prazer sempre que descança n'esta sua casa. Acabo de comprar um precioso menino Jesus de talha para o meu oratorio, e desejo que me dê parecer ácerca do seu merito artistico.

— Com muito gosto, senhor conde. Vejamos essa preciosa esculptura. Bem sabe que em assumpto de imagens os homens de egreja são bons juizes.

O senhor prior fez grandes elogios do menino Jesus, que estava ainda sem vestido e que, com effeito, era esculptura de merito; mas em tudo isto o bom sacerdote não encontrára occasião de fallar da sobrinha, ao conde, coisa que o conservava desgostoso.

— Dá-me hoje o gosto de jantar commigo? perguntou-lhe o conde.

— Teria n'isso gosto e honra, senhor conde; porém não costumo jantar fóra de casa. Minha sobrinha é tão arranjada, e tão mulher da sua casa, que tem o maior empenho em que sempre a familia jante reunida. Vive-se um pouco sujeito, é verdade, para comprazer n'isto a Maria do Carmo, mas o bom governo vale tanto em uma mulher... e principalmente hoje em que ha tanta falta de boas donas da sua casa, como minha sobrinha, que a tudo me submetto sem replica.

O conde, ouvindo este elogio de Maria do Carmo, tão mal enxertado n'aquella occasião, poz-se um pouco serio; mas, recuperando logo o seu amavel sorriso, disse:

— D. Maria do Carmo é, de certo, uma mulher adoravel.

— Muito obrigado, senhor conde, respondeu o senhor prior, rebentando de prazer e julgando-se já um

Machiavel. Posso assegurar-lhe que minha sobrinha desejará ter occasião de provar a v. ex.ª a sua gratidão pelas boas ausencias que faz d'ella...

— Pois vou tomar a liberdade de abusar da sua benevolencia.

— Não abusa, não, de certo, senhor conde!

— Queria que D. Maria do Carmo, cuja habilidade e cujo talento são tão grandes, tivesse o incommodo de vestir este menino Jesus.

— Com mil vontades, senhor conde, exclamou o bom prior cheio de alegria; minha sobrinha tem realmente muita habilidade para essas coisas. Tão boa mestra tem tido em D. Cyriaca!

O senhor prior dirigia-se apressadamente um momento depois para casa, admirando-se do seu tino para a intriga e para a diplomacia, e desejando chegar para transmittir á sobrinha a boa nova de que o conde não guardava o menor resentimento por ella o ter desprezado, pois que se dignava pedir-lhe um favor d'aquella ordem.

— Maria do Carmo, minha querida sobrinha, ganhámos a primeira batalha! exclamou apenas viu a sobrinha. Triumphou a minha diplomacia.

— O que, meu tio? O conde renovou o pedido? perguntou Maria do Carmo com anciedade.

— Lá iremos, minha filha, lá iremos. Por em quanto pede-te um favor, pede-te um pequeno obsequio...

— E que obsequio é, meu tio?

— Que lhe vistas um precioso menino Jesus...

— Esse homem é muito grosseiro!... gritou Maria do Carmo, lançando-se a chorar de raiva. Vinga-se de mim d'esse modo, suppondo que já posso entreter-me como mulher idosa, ou que já estou em algum convento!... [1]

V

Maria do Carmo contava já vinte e sete annos e estava solteira, não porque esperasse ainda casar-se com um principe, mas porque nem sequer o conde a queria.

O receio de ficar para tia, e de ter que acceitar o emprego que o conde lhe propozera, era-lhe constante pesadelo.

D. Cyriaca desconfiava já tanto das ciganas, que se fôra completamente acolher á protecção do tio dos passaros, para tornar-se rica.

Tu, Felisa, que, como tens a alma e o rosto formosos, foges de tudo o que é repugnante e feio, não te aproximas-te nunca de certo do tio dos passaros, e por isso te vou dizer em breves palavras o que é esse homem.

O tio dos passaros estabelece-se nas ruas e praças de Madrid com uma collecção de pequenas aguias e mochos, domesticados, em cujo criterio o vulgo confia mais que no proprio, porque para se habilitar na loteria vae consultar o dono, o qual faz render a astucia, e assim consegue lograr as pessoas simplorias, dando-lhes uma sorte, que uma das aves tira com o bico da gaiola onde ha já uma porção d'ellas enrolladas. Este divertimento attrahe os ignorantes e o homem vae assim ganhando a sua vida.

D. Cyriaca e Maria do Carmo entraram um dia na mercearia onde se afreguezára o senhor prior, com o fim de escolher uma arroba de bom bacalhau para a quaresma. O merceeiro, que suppunha, talvez não sem fundamento, que a maior fineza que podia fazer ás freguezas era exaltar-lhes a formosura e dizer-lhes que morria por ellas, não quiz privar Maria do Carmo d'este obsequio.

— Ora veja se nos dá bacalhau bom, disse-lhe Maria do Carmo.

— Tenho-o aqui muito bello, ainda que não tão bello como a senhora, respondeu galantemente o merceeiro.

— Deixe-se d'essas finezas, sr. Francisco.

O merceeiro poz no balcão dois ou tres bacalhaus, de que Maria do Carmo e D. Cyriaca não gostaram.

— Parece-me que não fazemos hoje negocio, disse Maria do Carmo.

— Quanto daria eu para que ambos pudessemos realisar o negocio! murmurou-lhe o merceeiro ao ouvido.

— Lá boas palavras não faltam aos senhores homens! respondeu Maria do Carmo sorrindo com toda a graça que tinha disponivel.

— Não tem melhor bacalhau que este? perguntou D. Cyriaca.

— Melhor que este, minha senhora? Este bacalhau é de primeira qualidade, affianço-o. Póde servir até para um noivado...

— Guarde-o para o seu, sr. Francisco, e ha de ser bem servido, disse Maria do Carmo.

— Não posso fazer-lhe a vontade, porque estou resolvido a não me casar, replicou o merceeiro, e accrescentou ao ouvido de Maria do Carmo: porém mudaria de opinião se a senhora me quizesse.

Maria do Carmo ia tendo uma syncope de alegria, que soube, comtudo, occultar.

— Diz isso devéras? perguntou Maria do Carmo ao merceeiro, em tom de quem esperava resposta affirmativa.

Mas o merceeiro, ao qual não faltava esperteza, receiando que lhe acceitassem a palavra, respondeu com uma evasiva e mudou de conversação.

D. Cyriaca perguntou o preço do bacalhau e exclamou ao sabel-o:

— Jesus! é muito caro... Já vejo que não fazemos negocio.

— Tambem me parece o mesmo, disse Maria do Carmo, mostrando-se já resentida, e ambas deixaram a mercearia.

Decorreu um anno, decorreram dois, e Maria do Carmo chegava aos vinte e nove, e ainda não passára do estado de solteira.

Um dia viu o dono de uma loja de sapatos, que tambem era solteiro, parado defronte de sua casa a olhar-lhe para as janellas.

Maria do Carmo lembrou-se de que, n'outros tempos, lhe haviam lançado alguns ditos agradaveis e lisonjeiros quando a viam passar pela porta da dita loja, e estremeceu de alegria ao occorrer-lhe que seria por causa d'ella que lhe rondavam a casa.

Mais de uma vez, ao vêl-o parado alli, tomou a mantilha, e sob pretexto de ir á egreja, saía e dava uma volta por diversas ruas; mas o sapateiro não a seguia nem se lhe aproximava.

O mau exito d'esta experiencia não lhe destruiu as esperanças; Maria do Carmo julgou que o sapateiro não se atrevia a declarar-lhe o seu amor de viva voz, pelo respeito que se lhe devia, e esperava de um momento para o outro receber a declaração por escripto.

Dias depois, regressando o senhor prior da egreja; disse a D. Cyriaca e a Maria do Carmo:

— Teremos em breve casamento na visinhança.

— Quem se casa? perguntou Maria do Carmo.

— A filha do alfaiate da agua-furtada.

— Com quem?

— Com o sapateiro do fim da rua.

Pela primeira vez na sua vida occorreu n'aquelle dia a Maria do Carmo pensar no sabor que poderiam ter os phosphoros.

Passou quasi outro anno. D. Cyriaca estava acabando, por incumbencia do senhor prior, um vestido para a Nossa Senhora da Soledade, de um altar da parochia. D. Cyriaca não se incommodava porque lhe déssem taes occupações, pois havia perto de trinta annos que não tinha outras e estava convencida de que

[1] Em Hespanha, as raparigas julgam-se offendidas quando lhes mandam *vestir imagens*, porque é o mesmo que dizer-lhes que ficam para tias ou para freiras.

era essa a sua sina, em quanto lhe não saisse a sorte grande, porque não ha mulher idosa que fique para freira sendo rica. É aqui que encontrâmos explicado porque D. Cyriaca entrava em todas as loterias com tanto furor.

Certa manhã, ao chegar o senhor prior da egreja, disse a sua sobrinha:

—Ha que renovar tambem o manto a Nossa Senhora das Dores. Como D. Cyriaca está agora tão occupada, encarrego-te d'isso, Maria do Carmo.

—Meu tio, tambem vossemecê vem insultar-me! exclamou Maria do Carmo profundamente commovida.

O bom prior ficou, como se diz, desapontado com a zanga de sua sobrinha e procurava inutilmente mitigar o desgosto de Maria do Carmo.

Poucos momentos depois, Maria do Carmo saíra de casa para comprar, Deus sabe com que intuito! meia duzia de caixas de phosphoros, d'esses que só incendeiam ao pé do lume.

O vendedor, a quem Maria do Carmo se dirigiu, estava descontente com o seu commercio, que havia poucos dias emprehendêra cansado de descançar e farto de jejuar, desde que por ser já demasiado crescido para menino do côro, o tinham despedido da parochia de S. Sebastião onde exercia aquelle emprego. Para dissipar o seu enfado, entretinha-se em lançar gracinhas a todas as mulheres novas ou velhas, amas ou criadas, que se aproximavam d'elle.

—Louvadas sejam as loirinhas, pois por uma como a menina iria eu de boa vontade até á Africa! exclamou ao ver Maria do Carmo.

—Deixe-se de palavriado, respondeu esta, e dê-me sem demora meia duzia de caixas de phosphoros.

—Vae suicidar-se, minha menina?

—Não sei.

—Olhe, se está desgostosa, eu lhe darei alegria.

—Como?

—Casando-me com a menina.

—Ora essa!

Apesar da resposta, Maria do Carmo não tinha já tanta pressa em comprar os phosphoros, e a prova é que se entreteve fallando com o vendedor mais de meia hora, no termo da qual regressou a casa sem phosphoros, nem vontade de os comprar.

No dia seguinte, João, que assim se chamava o ex-menino do côro, já não vendia phosphoros, e Maria do Carmo annunciava a seu tio, muito contente, que lhe apparecêra um noivo, excellente rapaz, como poderiam informar na parochia de S. Sebastião.

As informações que o tio de Maria do Carmo obteve do seu collega o prior de S. Sebastião, ácerca do ex-empregado d'esta parochia, foram excellentes. Era, com effeito, verdade, que o haviam demittido das suas funcções na freguezia por ser já demasiado crescido para menino do côro.

Maria do Carmo tinha muita pressa de casar-se, e seu tio, conhecendo a razão, apressou quanto estava da sua parte o dia do desposorio.

—O rapaz, dizia o senhor prior, não tem officio, nem beneficio, mas conto em breve arranjar-lhe por ahi um empregosito.

Verificou-se o casamento, e n'aquelle dia Maria do Carmo saíu muito orgulhosa por essas ruas de Madrid pelo braço de seu marido.

No dia seguinte, o senhor prior voltou da egreja muito alegre, e assim que entrou em casa exclamou:

—João, trago-te uma grande novidade...

—Qual é, meu tio?

—E de certo vaes alegrar-te com ella, pois que deixarás de ser ocioso.

—Sim?

—Tal qual...

—Então, diga, diga, meu tio.

—Sabe, pois, que o sineiro de Santa Cruz pediu a demissão e alcancei logo para ti esse emprego... o emprego mais alto da côrte!

—Por Maria Santissima! gritou D. Cyriaca, cumpriu-se a predicção da cigana.

E, pouco depois, tomou a mantilha e dirigiu-se a Chamberi em procura da cigana, a fim de lhe pedir perdão por ter duvidado da sua sciencia adivinhadora, e sobre tudo com o intuito reservado de lhe pedir, ao mesmo tempo, uns numeros com os quaes podesse tirar a sorte grande da loteria, que de certo havia de ter o condão de livral-a de apuros futuros e de encontrar-lhe marido, apesar da ancianidade.

O POBRE

(EXCERPTO DE LEITURA MORAL)

O rico tem penas como o pobre, porque todos estamos sujeitos a certos males inherentes á natureza humana, taes como as enfermidades, os padecimentos moraes, e, finalmente, a morte; mas, ainda assim, a riqueza sempre é uma condição preferivel á miseria. Se ha males que são especiaes da riqueza, será possivel uma ou outra vez fugir d'elles tornando-se pobre; mas não succede outro tanto á pobreza: o pobre não tem a mesma facilidade de fugir dos males que lhe são especiaes tornando-se abastado.

Não se conhecem todos os males especiaes e inevitaveis que deviam attrahir sobre o rico a commiseração da sociedade, e de que o pobre estará porventura isento (porque não se deve levar em conta o que é vicio ou fraqueza, como a preguiça, o enfado, as tentações, etc.); em quanto os males que são especiaes dos pobres, e que o abastado não receia, ninguem os ignora.

Que transe doloroso, por exemplo, é o de um solícito pae que, fraco, abatido, curvado, não sabe se no dia seguinte terá força de trabalhar para alimentar a familia! e o de uma carinhosa mãe que pensa que seu filho poderia talvez salvar-se se, seguindo os conselhos da medicina, o levasse para outro clima, ou que vê seu filho arremessado á guerra porque não teve uma pequena quantia para o livrar do recrutamento!

Se alguem dissesse que o pobre, desde o berço, está habituado a estas necessidades da sua condição, incorreria em grave erro, porque mostrava ignorar que a sensibilidade e o amor tem um fundo commum em todas as almas humanas, e assim dava corpo a um preconceito funesto que por tantos seculos e tão falsamente trouxe dividida a humanidade em duas raças.

Não queiramos isentar-nos da commiseração, nem soffrâmos nunca que a cabeça consiga esfriar-nos o coração. Se em epochas de crise, a impaciencia e a importunidade do pobre explicam e ás vezes justificam os receios e o afastamento do rico, apressemonos nos dias de paz em dar folga aos verdadeiros sentimentos conforme é preceito rigoroso da lei christã, se nos forem naturalmente inspirados pela consciencia e pelo amor do proximo.

O VENTO

Estão estas praças no verão cobertas de pó, dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar. E que faz? Não aquieta o pó, nem póde estar quedo: anda, corre, vôa; entra por esta rua, sae por aquella; já vae adiante, já torna atraz; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, e em tudo e por tudo se mette, sem aquietar, nem socegar um momento em quanto o vento dura. Acalma o vento, cae o pó, e onde o vento parou, alli fica, ou dentro de casa, ou na rua, ou no rio, ou no monte, ou na campanha.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio